

The Mirror Hoax or the Mutant Masks

Trying to end a book containing incisive critical texts and a powerful philosophical and literary look with a golden key is an arduous, perhaps infeasible, task. Will everything be said?

Certainly not, despite the excellence of the authors and their interpretations, because if there is a source of running water that never fails, it is Art. Inexhaustible, painting, sculpture, music and other Arts constantly and in variety feed our path, surprised by what we have not seen before or what others have seen before us.

At the outset, the problematic criterion of beauty (tastes are discussed and Time gives them an objectivity, though tenuous) is not the only one that serves us to assess the value of a work of art. The love and practice of beauty in Balbina's work - a secular philokalia - goes hand in hand with a morphopsychology that also acquires a place of sociological inquiry about what we are and the facies with which we see ourselves and are seen.

In these works, the "pretender" Balbina, in search of many years, goes far in the game of overlapping faces/masks, in different positions and materials. With reason serving feeling and intuition, the skin was made with the mask to top it, an allegory to our path in life in its multiplicity of moods, feelings and desires that, inevitably, are reflected in the face with which the others see us. Mask and mirror, major symbols of the Theatre, serve to perfection, in their ambivalent relationship, the ambiguity sought and denounced by the artist.

The painter told us: "the outer layer that the plexiglass "introduces" into the painting itself works as a mask. It is like a filter that, on the one hand, distances the viewer from

O embuste do espelho ou as máscaras mutantes

Ao tentar encerrar com chave d'ouro um livro com textos de incisiva crítica e de mirada filosófica e literária poderosas é tarefa árdua, quicá inexequível. Estará tudo dito?

Por certo não, pese embora a excelência dos autores e das suas interpretações, pois se há fonte que nunca fenece de água corrente, é a Arte. Inesgotáveis, a pintura, a escultura, a música e as outras Artes, alimentam em permanência e em variedade o nosso percurso, surpreendidos pelo que não vimos antes ou os outros viram antes de nós.

À partida, o problemático critério do belo (os gostos discutem-se e o Tempo dá-lhes uma objectividade, ainda que ténue) não é o único que nos serve para aferir a valia de uma obra de arte. O amor e a prática da beleza na obra da Balbina - uma filocalia laica - vai de par com uma morfopsicologia que também adquire lugar de indagação sociológica sobre o que somos e as fácies com que nos vemos e somos vistos.

Nestas obras, a "fingidora" Balbina, numa procura de há muitos anos, vai longe no jogo de sobreposições de rostos/máscaras, em diversas posições e materiais. Com a razão a servir o sentimento e a intuição fez-se a pele com a máscara a encimar, alegoria ao nosso percurso de vida na sua multiplicidade de estados de espírito, de sentires e vontades que, inevitavelmente, se reflectem no rosto com que os outros nos veem.

Máscara e espelho, símbolos maiores do Teatro, servem à perfeição, na sua relação ambivalente, a ambiguidade procurada e denunciada pela artista.

Disse-nos a pintora: "a camada exterior que o plexiglass "introduz" na pintura só por si funciona como máscara. É como um filtro que, por um lado,

distancia o espetador da superfície da tela, por outro, e através do reflexo, adiciona uma nova imagem e grafismo na pintura - o que impele o observador a movimentar-se em frente da obra que, como um espelho, lhe devolve a própria imagem para além da máscara/rosto que observa - adicionando-lhe uma outra máscara, um novo disfarce, maior ambiguidade... ”.

Trazer Pessoa a terreiro era inevitável: o grande mágico do Eu, o múltiplo unitário... ou o uno diverso, teria de forçosamente se atravessar no caminho da nossa artista. E o casamento foi, está a ser... feliz.

Neste seu desassossego, quedando-nos ainda e sempre nesse universo, pois “quem tem alma não tem calma”, a também desassossegada Balbina propõe-se desmascarar-nos pelo contraditório método da sobreposição de rostos. Acrescentando máscaras, das quais involuntária e continuamente nos socorremos, vai-nos retirando a opacidade que desejaríamos. Desvenda-nos pela multiplicidade e exacerbação dos semblantes, resultando numa exposição do nosso interior.

É claro que na universalidade da sua demanda, Balbina incorpora na sua obra as origens a quem deve o que é e os encontros que a vida lhe trouxe. Assim às caras/máscaras que lhe são próximas, detalhadas e identificáveis, adita centenas de motivos tradicionais do seu transmontano saber, numa curiosa associação, desenganando identidades firmes e herméticas.

Nessa multiplicidade “que de veras sente”, quem melhor que Fernando Pessoa poderia acompanhar Balbina nesta indagação, neste desnudar permanente do Eu, denunciando a sua subjectividade imanente?

A artista abusa do Poeta, tal como este, sem hesitação, se “descascou até Deus”.

the surface of the canvas, on the other, and through reflection, adds a new image and graphics to the painting - which impels the viewer to move in front of the work that, like a mirror, gives him back his own image beyond the mask/face he observes - adding another mask to it, a new disguise, greater ambiguity... ”.

Bringing Pessoa on the scene was inevitable: the great magician of the Self, the unitary multiple... or the diverse one, would have to forcibly cross our artist's path. And the marriage was, is being... happy.

In this restlessness of hers, keeping us still and always in this universe, because “whoever has a soul is not calm”, the also restless Balbina proposes to unmask us through the contradictory method of superimposing faces. By adding masks, which we involuntarily and continually resort to, it gradually takes away the opacity we would like. It unveils us through the multiplicity and exacerbation of faces, resulting in an exposure of our inner self.

It is clear that in the universality of her demand, Balbina incorporates in her work the origins to whom she owes what she is and the encounters that life has brought her. Thus, to the faces / masks that are close to her, detailed and identifiable, she adds hundreds of traditional motifs from her Trás-os-Montes knowledge, in a curious association, disillusioning firm and hermetic identities.

In this multiplicity “that you truly feel”, who better than Fernando Pessoa could accompany Balbina in this quest, in this permanent stripping of the Self, denouncing its immanent subjectivity?

The artist abuses the Poet, just as he, without hesitation, “unveiled himself to God”.

Joaquim Pinto da Silva

Editor

Publisher